

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

HOLANDA (Sérgio Buarque de). — **História Geral da Civilização Brasileira**. 1.º volume do I tomo. “A época colonial”. Do **descobrimento à expansão territorial**. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1960.

Dois motivos, preliminarmente, tornam difícil uma “recensão” desta obra coletiva, cujo primeiro volume a Difusão Européia do Livro acaba de lançar, sob o título de “História Geral da Civilização Brasileira”: primeiro, o fato de a obra em consideração ter sido apenas iniciada, isto é, dado a lume o primeiro volume do I tomo, quando o seu plano prevê um total de três tomos para quatro volumes; segundo, por tratar-se de uma obra de **equipe**, à qual concorrem cientistas, cujo **campus**, em alguns casos, e mesmo especialização, exigem do comentador uma vasta e vária informação científica que, com escrúpulo e honestidade, confessamos não possuir para a profundidade das reflexões que os **capítulos** desta obra sugerem.

Não obstante tais deficiências muito nossas, poderemos arrolar algumas ponderações de ordem geral, principalmente no que assiste aos interesses do historiador e às implicações históricas.

E’ de louvar-se a iniciativa da editôra que houve por bem confiar a um grupo de cientistas uma tarefa que, até certo tempo atrás, permanecia inédita no Brasil. Cometendo a direção da mesma ao prof. Sérgio Buarque de Holanda, mostrou inteireza de propósitos em paular esta nova coleção dentro do critério que presidiu iniciativas semelhantes na Europa, ou sejam a **História Geral das Civilizações** e a **História das Ciências** que contam com edições brasileiras, efetivadas pela mesma editôra.

Já vamos, portanto, e esta iniciativa é sintomática nesse sentido, alcançando a compreensão das exigências técnicas e científicas que pesam em nossos dias sobre o trabalho dos historiadores, os quais por mais distantes que se situem da **historiografia**, têm, entretanto, que reconhecer tanto teórica quanto praticamente, ser-lhes vedado o trabalho isolado ou sob regime de segregação, sem o intercâmbio de idéias, de interpretações e mesmo sistematizações que dão perspectivas inteiramente novas à **compreensão** e à **metodologia** da História. Eis porque podemos aplaudir uma realização como essa que, até pouco tempo atrás, seria trabalho de um só autor, o qual por mais formidante nesse informativo que possuísse, por maior capacidade de trabalho de que fôsse portador, por excepcionais condições intelectivas que tivesse, não faria uma **história geral** dentro dos princípios e da intransigência científica a que chegou a **especialização** em nossos dias.

Assim, o subsídio das **ciências sociais** foi tão grande à História que as suas perspectivas se dilataram sob a possibilidade de compreensão de certos **momentos** ou de tôda uma **idade** histórica que, sem os **esquema** e as **leis** e a **metodologia** que o historiador pôde receber em intercâmbio com sociologistas e economistas, por exemplo, teria bem

(\*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas obras para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

maior a confinidade de suas interpretações no processo de entendimento.

A verdade é que em um país, onde não se pode desconhecer a quase-ausência (para sermos muito condescendentes) de um **pensamento histórico**, mercê da ignorância da teoria da História em suas leis, objetos, princípios, etc., além de todos os seculares males da informação de **segunda mão** que vimos com tanto zêlo mantendo, dos esforços de interpretação que mais permanecem no cotêjo ou espousando avelhantado **método** chamado **histórico**, e por isso documental em tudo e por tudo, até mesmo no desprezo às fórmulas e sistemas que muito viriam auxiliar o trabalho científico do historiador, o lançamento desta obra assume uma inegável importância. Ela confirma a grande possibilidade da recíproca colaboração que pode e deve existir entre o historiador e os demais cientistas principalmente aqueles que aceitamos chamar de **sociais**. Mostra-nos, também, a realidade da **especialização** como ingente na “civilização moderna”, representando mesmo, em sentido, uma questão de supervivência para os dirigentes, tanto na política, na administração, como nas ciências.

E’ evidente que nas atuais condições dos estudos históricos no Brasil, diante do que se fez e do que há por fazer, seria praticamente impossível uma obra de **especialistas** em história econômica, política, religiosa ou das ciências, das artes, etc., a qual seria ideal para a compreensão de nossa **realidade histórica**, mas se quedaria sem ação diante de um **mar** de documentos ainda não **singrado**, de assuntos gerais inexplorados, de personagens não estudados ou de proporções deformadas, de momentos não ou mal compreendidos, etc., etc.

Aliás, a nosso ver não corresponde exatamente à realidade chamar êste trabalho de obra de **especialistas**. Mesmo se considerarmos as especializações de natureza, elementos ou campos científicos inteiramente diversos, como diversas são, por exemplo, as ciências que colaboram para esta visão global no tempo, de nossa “civilização”, e ainda como diversas podemos aceitar, e aqui dentro da História propriamente dita, as especializações sejam de periodistas, historiadores regionais ou ainda aqueles versados em assuntos e episódios monográficos, a verdade é que, pela informação que deduzimos, alguns dos colaboradores não chegaram, a rigor, a especializar-se em nenhum dos assuntos aqui tratados, o que, no caso, não desabona de maneira nenhuma a sua conduta intelectual e científica, embora, entretanto, nos coloque na dificuldade de apontar a obra como resultante de uma **equipe** de especialistas.

Dessas reflexões poderia ocorrer, naturalmente, uma suposição teórica de certas condições que haveriam de comprometer seriamente a obra. Entretanto, pelo menos neste primeiro volume, tal ameaça foi muito afastada, pois a coordenação logrou evitar o falecimento do **nexo causal**, da visão conjunta da multilateralidade dos **fatos** e **momentos históricos**, e ainda mais da **continuidade** histórica que, em-

bora prevista na intitulação dos tomos e dos temas, poderia acabar retalhada em monografias que, como aventamos, comprometeriam a **História Geral** que se pretendeu.

Por outro lado, confessamos ainda prematura qualquer positiva afirmação nesse sentido, desde que o juízo crítico sôbre esta obra só poderá ser completo, quando completa ela estiver.

Longe desta resenha inaceitar a escolha dos professôres e historiadores que colaboram na obra, antes, sim, é muito dela reconhecer o seu acêrto que permitiu o voto de confiança no cumprimento dos seus altos objetivos, que são os do seu Diretor e da sua editôra.

Assim, alguns dos colaboradores dêste trabalho, embora não sendo prôpriamente historiadores, têm uma posição científica e uma bibliografia que lhes permitiram, eficientemente, servir ao conjunto, mercê de sua informação científica sólida e de uma metodologia condizente com modernas concepções da teoria da História. Desta maneira é atenuada a **distância** que poderia permanecer entre homens de ciência, cuja formação é diversa. Diga-se, a propósito, que tal fato não constituiu óbice ao precedente de iniciativas semelhantes em velhos centros universitários estrangeiros, nas quais encontramos motivos suficientes para colocar à vontade a iniciativa brasileira.

Pontos de vista, interpretações e teses diferem dentro de um limite que é ditado pelo **conjunto**, pelo sentido geral da obra. Assim, a apreciação de certos **processos** e **momentos** históricos, dentro de julgamento e perspectivas diversas, convergem para a oportunidade que é dada ao leitor de conceber a sua própria linha de equilíbrio, para não perder-se entre concepções opostas. Êste pode ser o caso das repetições de fatos, objetos de reflexões, perspectivas e interpretações variegadas que podem auxiliar a compreensão, em vez de entediá-la.

Se considerarmos as dificuldades e tolerâncias que podem assistir a uma obra como esta, conviremos em que a pretensão do empreendimento torna-se maior ao observarmos que já no período chamado **colonial**, aquêle que, sem dúvida nenhuma, foi muito mais estudado até hoje em extensão e profundidade do que o do **Império** e da **República**, o que aliás se justifica pela natural atração que a perspectiva de tempo propicia, os autores do trabalho encontraram dificuldades ao laborar as sínteses dos seus estudos gerais ou especializados. Que se dirá então do I e II império, da I, II e até III República (para adotarmos um critério discutível de nomenclatura), sôbre os quais estamos diante de um deserto de monografias e interpretações? Objetar-se-ia, então, e em primeiro lugar, que ainda é cedo para o levantamento de um trabalho como êste promovido pela Difusão Européia do Livro, feito em **moldes** ou pelo menos sob a **inspiração** de dois exemplos franceses realizados em condições de pesquisa e estudo inteiramente diversas das nossas; e em segundo lugar uma objeção que teria respostas mais altas, e que realmente acabaria por convencer-nos de que muito cedo esta obra seria superada na medida da atualização das pesquisas, publicação de do-

cumentário inédito e a edição de histórias regionais, tão necessárias num país imenso, de **áreas culturais** ainda insuladas para o historiador que deseja colaborar numa obra de caráter geral.

Procedem, como vemos, até certo ponto, as indagações que acabamos de formular. Por outro lado, ressalta a evidência de que não poderíamos ficar à espera dessas pesquisas e trabalhos monográficos, para, então, lançarmo-nos ao tentâmem de um **balanço** de nossa realidade histórico-cultural e a uma síntese de nossa evolução. Daí até certo ponto, e êste é um **risco** que correm as obras do gênero, a relatividade da condição **geral** desta **História** que acaba por tornar-se parcial na medida de suas limitações, ditadas por um pensamento histórico que se forma dentro de processos historiográficos, e de uma teoria ainda imaturos. Nesse sentido, principalmente, é que os nomes dos colaboradores desta obra constituem um penhor de confiança na atenuação, dentro de suas possibilidades, de tantos problemas como os que enumeramos.

~ Não obstante tratar-se de um trabalho propenso à síntese na medida em que necessário é circunscrever a **parte** para acomodá-la ao **todo**, e portanto não permitindo as monografias eruditas ou estudos parciais que não concorram para a **visão do conjunto** com que se objetivou esta obra coletiva, não se eximiu de todo o convite ao debate de velhas questões históricas, mesmo na interpretação de fatos, diante de novas pesquisas e raciocínios, no que aliás se contribuiu para a mais completa atualização da obra, ponto essencial na sua laboração.

E não poderia ser de outra maneira, pois tal seria que as reflexões postas nesta obra não provocassem opiniões diversas, embora a diminuição do número destas fôsse aliás um intuito bem cumprido.

A ponderação com que os autores destilaram o trato de temas controversos, a recondução de fatos às suas devidas proporções, etc., aqui observados, confirmam as nossas assertivas.

Por outro lado, convém lembrar que à(s) unidade(s) da obra, mesmo que se queira buscar a **unidade lógica** defendida por Benedetto Croce, os problemas surgidos na coordenação e conexão da mesma não chegaram a afetar essencialmente.

Velhos temas repisados em quatro séculos de estudos, receberam novo trato, ao lado de algumas **novidades** históricas, propiciadas por modernas pesquisas.

O capítulo sobre os **Antecedentes Indígenas** constitui uma ótima sugestão para a revisão dos nossos compêndios escolares, no que diz respeito às suas **lições** de etnologia. Esta é uma necessidade ingente de reverem-se os textos dos nossos manuais, dando-se uma **visão de conjunto** de uma maneira que não prejudicasse ou comprometesse as diferenciações dos agrupamentos nos seus diversos aspectos.

Há, como é natural, diversos pontos de divergência e discussão, como ocorre, por exemplo, com os julgamentos sobre a influência jesuítica através dos diferentes capítulos, o que, entretanto, como dissemos, serve para dar oportunidade ao leitor de estabelecer um equilíbrio em seu julgamento.

Assim, na afirmação com que se generaliza o conceito de direção dos rios brasileiros, na eficiência maior dos piratas estrangeiros no trato com os naturais da terra que faziam as funções da feitoria em seus próprios brigues, ocorrendo nesse caso a afirmação de que a feitoria portuguesa de terra era menos eficiente, dentro do seu papel no escambo da ibirapitanga, além de outros assuntos como êsses, e da ausência de estudos em tôrno do papel representado por outras ordens religiosas na formação educacional e moral do povoamento, que poderiam merecer discussão do leitor mais avisado.

Os capítulos sôbre **franceses, holandeses e inglêses no Brasil**, realizando uma minuciosa revisão das narrativas sôbre os feitos do comércio marítimo legal e ilegal, atualizada com recentes pesquisas documentais em arquivos estrangeiros, confirmam-nos a intensa atividade marítima colonial, dando-nos perspectivas de corroboração, também, à opinião de uma **vida marítima** muito mais intensa que a **continental**.

Também os estudos sôbre o domínio espanhol, a ocupação holandesa, a Colônia do Sacramento, levam-nos, em suas reflexões, a análises em têrmos diversos dos padrões habituais no trato histórico.

Um pouco talvez pelos próprios propósitos da coleção poder-se-á relevar a farta messe informativa, bem fastidiosa aliás, com que se descreve, principalmente, a ocupação territorial de certas áreas.

Enfim, podemos reputar satisfatório o esquema dêste estudo da História de uma “civilização” brasileira, pois cumpre o mesmo as conhecidas lições de Guillermo Bauer ao assumir o sentido inteligente de um conjunto ordenado que se explique, ou que pelo menos indique os caminhos que outros esquemas poderão aclarar na compreensão de nossa **realidade histórica**.

Não se pretendeu, é evidente, **fazer a história de sucessos** técnicos, econômicos, jurídicos, religiosos, etc., o que, aliás, também exigiria profundo conhecimento dessas especialidades, mas de uma História da **civilização** que, por seu lado, não dispensa os mesmos conhecimentos, e daí a colaboração de cientistas diversos como ocorreu, sem que se olvidasse, evidentemente, a localização dos problemas no **tempo**, fator aqui importante e inerente à essência da obra.

Para completarmos estas impressões iniciais que nos ficaram da primeira leitura desta obra, resta mencionarmos o bom gôsto da apresentação gráfica, completada pelas ilustrações e pela maioria dos próprios textos em si, de agradável leitura, principalmente por terem sido **bem escritos**, o que não é muito comum entre os nossos historiadores de duvidoso gôsto literário, alcançando na maioria dêstes capítulos, admirável equilíbrio, o que se realça entre autores tão diversos.

**JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA**

\* \*  
\*